

A criatividade no processo de humanização

Joana Cavalcanti*

Resumo: O presente artigo propõe em geral uma reflexão sobre a importância da criatividade no mundo contemporâneo. Discute, em particular, sobre aspectos relacionados com a promoção da capacidade criativa nos espaços de aprendizagem. Além do que, pondera a formação do professor como sendo uma das principais questões a serem revistas para que de facto se processe uma mudança qualitativa e quantitativa numa possível valorização de docentes criativos, capazes de reencantar a sala de aula. Tal proposta é apresentada a partir do ponto de vista de alguns autores que acreditam que o acto de criar exige a emergência de movimentos transformadores investidos do desejo de reinvenção do futuro.

Palavras-chave: criatividade, produção, transformação e humanização.

89

Abstract: In general, the present article proposes a reflection upon the importance of creativity in the contemporary world. In particular, it discusses aspects related to the promotion of the creative capacity in learning contexts. Moreover, it suggests that the formation of teachers must be one of the aspects which have to be revised so that a quality and quantity change occurs as an approach to value creative lecturers, capable of re-enchancing the classroom.

Key words: creativity, production, transformation, humanization.

A criatividade no centro da produção humana

Com frequência quando se fala em criatividade existe um apelo bastante marcado pelo senso comum de definir os processos criativos como sendo algo ligado às actividades diletantes, sem utilidade prática. Escutamos dizer inúmeras vezes que as pessoas criativas vivem nas nuvens, fantasiam e imaginam a realidade, mas que concretamente não “servem” às finalidades do mundo contemporâneo, tão profundamente mergulhado na sacralização da coisa, tal como nos diz o filósofo alemão Walter Benjamin em diversas obras, principalmente em *Passagens pelas ruas de Paris nos finais do XIX*.

* ESE de Paula Frassinetti.

Não se pode afirmar com precisão o que significa criatividade, pois o termo é explorado em várias áreas do saber e com significações diferentes, embora não sejam totalmente discordantes. Por outro lado, poderemos recorrer à etimologia da palavra que vem do verbo *creare* que quer dizer originar, gerar, formar. Portanto, a palavra tem na sua raiz a dimensão de nascimento e transformação.

Conforme referem José Gil e Isabel Cristóvam-Bellmann em *A Construção do Corpo ou Escrita Criativa* (1999) a criatividade compreende a qualidade de pensar de forma inovadora numa produção activa de reflexão, sentimento e acção com a finalidade de transformar e fazer surgir o novo como resposta às actividades mentais que se operam a partir de exercícios cognitivos e sensoriais. Os processos de criação demandam uma postura de ousadia por parte do indivíduo, pois o acto criativo pressupõe o desconhecido, o novo que quase sempre tem origem num estado caótico de organização das emoções e informações.

Ora, se entendemos que a criatividade faz parte de uma experiência que deve abrir possibilidades para a recepção do mundo de forma abrangente e múltipla “*em que a acção produtiva gera algo de novo, algo de diferente, resultante da relação entre o carácter único do indivíduo e os objectos, acontecimentos, personalidades e situações que o envolvem*” (Rogers: 1996), então não devemos fugir do facto de que a capacidade de criar é inerente ao ser humano, consolidando-se desde a produção de bens materiais até aos anseios poéticos que permitem atingir a transcendência.

De acordo com muitos autores, a criatividade está relacionada aos que se permitem observar, olhar e seguir o voo necessário para abstrair-se do mundo, sem contudo perder o vínculo com a realidade subjacente. O criativo assume, portanto, a identidade do louco, do artista e da criança ao entregar-se aos impulsos de criação e ao lançar-se na realização do futuro.

É necessário esclarecer que a criatividade é um processo exigente que recorre aos níveis mais elevados de abstracção, devendo encontrar um canal de concretização que pode ser o mais diverso possível, englobando uma produção variada que atenda às necessidades do corpo e da alma, mas que sobretudo redimensione a existência humana emprestando-lhe sentido e significado. Não resta dúvida de que os criativos conduzem a carruagem da renovação e propõem a reinvenção intelectual, filosófica, material, artística, cultural, social...

Numa sociedade onde cada vez mais as lacunas vão-se alargando e exigindo respostas concretas e úteis, não existe lugar para a criação pela criação e, talvez, mais do que nunca, exista neste momento uma imposição de dar a conhecer aos profissionais de diversas áreas que a criatividade tem a ver com uma das questões mais importantes do processo de humanização que consiste na caracterização do ser humano pela capacidade de desejar.

O desejo e as necessidades são os elementos despoletadores dos processos criativos, sejam de ordem fisiológica, afectiva, de segurança, de prestígio, estética ou de excelência. Somos sujeitos marcados pela falta, pela inconclusão e tal acontece não somente por factores emocionais, mas também neurofisiológicos e sociais.

Tentar definir a criatividade enquanto processo e sistema aberto é abarcar, de certa maneira, toda a complexidade que envolve o ser humano nas suas mais variadas dimensões, pois se estamos marcados pela falta, também, estamos recompensados pela capacidade simbólica de poder representar os nossos desejos de maneira plural e sempre nova, o que está estreitamente relacionado com o ser criativo que somos. O ser humano é sujeito do desejo e também da linguagem e assim, vamos ao longo da nossa existência tentando construir laços entre o eu e o outro que possam suprir as nossas necessidades básicas como satisfazer a fome (o bebé chora para comunicar que está com fome), mas também às de ordem afectiva (o bebé chora para chamar a mãe, mesmo quando já foram satisfeitas as suas necessidades biológicas). O caminho da criatividade começa muito antes de darmos conta de que precisamos de “coisas” para satisfazer as necessidades físicas e morais. Assim, o produto “alimento-leite” supre a necessidade de fome do bebé, como também o corpo-mãe supre a necessidade de afecto, de aconchego e protecção.

A criatividade é portanto algo que exige como consequência final a criação de um produto que atenda a uma necessidade do indivíduo, seja ela de ordem biológica ou emocional. Sendo assim, criar é uma actividade complexa na medida em que envolve várias capacidades, nomeadamente das áreas: cognitiva (simbolização, representação, associação, analogia, comparação, memória, evocação, registo, abstracção, imaginação, fantasia, raciocínio, retenção da informação, previsão, “motricidade”); afectiva (emoção, sentimento, afecto desenvolvidos a partir das relações intra e inter-pessoal – intersubjectividade); social (contextos familiar, escolar, comunitário, grupal...).

Entretanto, a criatividade pressupõe algo que está para além dos factores mencionados acima e que tem a ver com uma busca permanente sublinhada pelo desejo de ser útil e de imprimir no mundo um estado de mudança permanente que possa dar conta das necessidades concretas de bem-estar físico e psíquico. Portanto, criar é reflectir-se na necessidade alheia, mas também realizar-se na procura contínua de novos caminhos, onde a produção do novo surge como resultado da aprendizagem em geral.

Criar exercita a nossa dimensão humana. Para que o processo criativo seja conseguido dentro dos padrões mais elevados de abstracção é fundamental o exercício cognitivo que conduza aos níveis mentais que compõem as actividades simbólicas. Assim, quanto mais formos capaz de simbolizar, compreender e interpretar o mundo mais nos humanizamos.

A tarefa de educar para a transformação é árdua e por isso devemos preparar-nos desde cedo, pois sendo algo que implica numa produção concreta e útil exige esforço, dedicação e exercício. Tal preparação deve acontecer de forma integral, privilegiando os vários canais de entrada e saída de informação. Assim, estimular os processos criativos desde a educação iniciada na primeira infância é possibilitar a criança o desafio de aprender a criar para crescer melhor, além de prepará-la para a vida nas suas múltiplas dimensões.

Parece evidente que a criatividade deve gerar um produto inovador que possa suprir uma necessidade já captada pelo inconsciente colectivo ou por um grupo de pessoas, mas deve sobretudo seguir directrizes como: apresentar soluções possíveis, úteis, funcionais e éticas para a realidade em questão.

Nos dias actuais não podemos fugir da problemática que norteia a criatividade como elemento essencial do trabalho pedagógico, nem tão pouco escapar às perguntas “porque criar?”, “para que criar?” e “como encontrar caminhos para desencadear a criatividade?” Enfim, desejamos um mundo melhor: mais funcional, mais bio-ético, mais feliz, possível e justo. Se o ser humano, como dizem alguns autores, é inviável como “criatura” plena de sentido, ainda assim é o ser da possibilidade porque sendo capaz de criar é também capaz de reinventar-se. Talvez essa seja a maior das possibilidades humanas: criar-se a si mesmo para então apreender e apropriar-se da realidade enquanto espaço dinâmico, cíclico e em construção.

Diante do contexto em que vivemos, no qual se operam profundas mudanças de diversas naturezas, onde tudo é passageiro e fugaz e no qual a experiência humana é banalizada é preciso mais do que indignação e perplexidade. É urgente reflectir sobre a maneira pela qual estamos a formar as nossas crianças. Faz-se necessária a interrogação a respeito dos espaços de aprendizagem, principalmente os formais.

A (re)Invenção da Escola como espaço criativo

Assistimos diariamente a educadores e professores “desencantarem” a sala de aula. Profissionais que matam, desde cedo, a curiosidade, a imaginação, o pensamento crítico, além de destituírem de sentido os contextos académicos. É verdade que a aprendizagem se dá na escola e para além dela. Aprendemos de várias maneiras e em muitas situações, entretanto a escola, por sua finalidade primeira, é o lugar privilegiado para se aprender e por isso deve garantir que as crianças e os jovens se sintam motivados para conhecer o novo num exercício pleno de inteligência inventiva, o que pressupõe o uso de outras inteligências, tal como afirma *Gardner (1987)*.

Contudo, parece que a primeira providência que a “escola” assume é fazer com que a voz e a alma de muitas crianças cale e sejam apenas o eco daquilo que poderiam ser. Espera-se apenas pela reprodução da mesmice que tem preenchido muitas das nossas salas de aula. “*Dar voz e Vez a criatividade*”, segundo o professor *Jesus Garrido Suarez* (Universidade de Santiago de Compostela), deve ser o fio condutor para uma Escola renovada, consciente do seu papel transformador e múltiplo e que deve ser ocupado pela promoção de espaços lúdicos de aprendizagem. Tal escola deve possibilitar uma formação global, mas atender as particularidades de cada actor envolvido no processo, sendo um espaço para as relações lúdicas e afectivas, capaz de privilegiar o crescimento humano de cada um. Numa escola assim não existe lugar para formadores fechados em si mesmo.

Torna-se inevitável que os cursos de formação de professores/educadores trabalhem em conjunto com outros actores do processo educativo para reinventar o sentido de ser professor e garantam de alguma forma uma profissionalização capaz de atender às necessidades dos novos tempos, onde as crianças estão em permanente contacto com as tecnologias mais avançadas e as instituições de base como a família passam por transformações inevitáveis. Assegurar um percurso académico de qualidade é sem dúvida estar atento para a produção de novas mentalidades, o que implica na oferta de um ensino criativo, mobilizado para acompanhar e promover mudança. Entretanto, é necessário que se compreenda que o processo criativo pressupõe (*Gil: 1999*):

- abertura para novas experiências (extencionalidade). O contrário de bloqueamento e a capacidade de tolerância do que é ambíguo;
- a capacidade de avaliar factos;
- a capacidade de jogar com elementos e conceitos da realidade;
- a capacidade de jogar espontaneamente com ideias e relações entre coisas;
- a capacidade de combinar partículas da realidade de uma forma pouco comum ou dando-lhe uma forma pouco usual.

Tendo em vista tais aspectos, é inevitável que o sistema académico seja questionado a partir dos modelos que veicula. Ora, como um sistema fechado em si mesmo e incapaz de reflectir acerca das suas dicotomias pode abrir-se para o novo e projectar-se significativamente na aprendizagem de cada um de seus integrantes?

Além disso, a situação é cíclica. Os professores do ensino superior, na generalidade, temem em promover aulas onde a criatividade perpassa no seu discurso revelando receio de serem compreendidos como “o louco da casa”, de outra forma como ser criativo se a história pessoal indica que a criatividade não conduz ao conhecimento? Como ousar em busca do novo se o velho garante a estabilidade? Para que estimular

sujeitos criativos, que pensam de maneira divergente se tal facto pode resultar no questionamento das próprias práticas académicas?

Há que se procurar espaços de reflexão onde tais questões sejam de ordem superior, mas sobretudo todos os profissionais que sejam considerados “técnicos de relações humanas”, como é o caso do professor/educador, devem ser estimulados a realizar um trabalho permanente sobre si mesmo. Tal perspectiva deve estar relacionada com a formação contínua de um profissional consciente do seu poder de transformação e agente inquestionável de mudanças pessoais e colectivas.

Do acto de aprender para o acto de criar, prepara-se o futuro.

94 Existe uma pergunta que não cala e faz-nos partilhar um grande sentimento de angústia e impotência em torno da educação e que é brilhantemente colocada por *Fagundes (1999)* quando diz: “*Como oferecer às novas gerações oportunidades para desenvolver talentos para a ciência e a beleza, para a solidariedade e a harmonia? Como ajudá-las a conhecer, para construir novos mundos de trocas distribuídas, de gestão positiva de conflitos – e de aventuras?*”

Tento uma resposta não para apontar soluções, mas para em partilha com muitas outras pessoas duvidar dos caminhos que, ainda hoje, são propostos como os mais seguros quando se trata de ensinar a ensinar. O autor acima referido questiona sobre o papel do professor/educador enquanto mediador da aquisição de conhecimento, mas principalmente deixa implícita a questão em torno da qualidade do que oferecemos aos nossos aprendizes. É possível que a solução esteja em estratégias criativas para se construir contextos de aprendizagens que sejam apelativos aos interesses dos educandos, desafiando-os na sua visão e concepção da realidade.

Talvez seja necessário que os técnicos de relações humanas estejam dispostos a uma revisão acentuada da forma de olhar e estar no mundo, compreendendo a importância da sua função tanto no plano individual como social, pois o “*educador/professor é essencialmente um organizador dos contextos e materiais de aprendizagem. É um líder capaz de criar uma visão partilhada baseada em valores. É um estratega capaz de identificar oportunidades e construir pontes que energizem o grupo e os indivíduos, focando-os no desenho de futuro (Correia: 2004).*”

Trata-se aqui de tudo aquilo que abrange os possíveis conceitos acerca da criatividade, ou seja, a aprendizagem tem como plataforma a capacidade de transformar um dado adquirido numa nova forma de ver, olhar, pensar e sentir. A preparação do futuro exige a acção criativa, o pensamento divergente e uma postura de abertura diante da vida.

O acto criativo realiza-se com base num percurso iniciado outrora, quando ainda se é criança e a curiosidade é inquietante. Talvez o trabalho de criatividade nos confronte com a criança que temos sempre e que possibilita o ressurgimento do sentimento de que *“é grande a vida quando meditamos nos seus começos! Meditar sobre uma origem, não é sonhar? E sonhar sobre uma origem não é ultrapassá-la? Para além da nossa história estende-se “nossa incomensurável memória” (...). Para forçar o passado, quando o esquecimento nos encerra, os poetas nos convidam a imaginar a infância perdida. Ensinam-nos “as audácias da memória”. Força é inventar o passado...”* (Bachelard, 2001:104, 105).

Os criativos são pessoas que trabalham em sintonia com a criança curiosa que existe dentro de si. A criança, ainda, cheia de desejo de fazer do sonho realidade concreta, necessária. No apelo à criatividade não se pode ter medo de sonhar, pois como diz o poeta: *“Sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança”* (Gedeão, António). Nesse sentido o avançar veste-se de futuro e faz-se reinvenção de uma realidade que precisa mudar sempre para melhor corresponder aos anseios humanos.

95

Um dos principais mecanismos de reelaboração mental com vista à conversão do antes em depois consiste em exercícios que apelam para a memória afectiva do indivíduo, o que inclui evidentemente o retorno simbólico aos espaços da infância. O trabalho sobre si mesmo requer uma entrega a tudo aquilo que construiu e constrói a biografia do indivíduo, sendo a infância a etapa, possivelmente, mais significativa. É daí que lançamos os primeiros olhares para o mundo e de onde ensaiamos o primeiro voo. Por isso os criativos não abandonam a sua criança, pois a memória arcaica pode conduzir ao desafio da criação e ao êxito da obra, pois *“Uma alma nunca é surda a um valor de infância.”* (Bachelard, 2001: 121)

Ser criativo não pode ser confundido com inconsistência intelectual e atributo dos que são apenas imaginativos, pois como já foi referido anteriormente, a criatividade resulta num produto concreto que pode ser expresso pela ciência, pela arte, pela cultura... Assim, além de educar para a criatividade, deve-se trabalhar com a finalidade de destituir o termo de possíveis estereótipos que circulam tanto nos meios académicos quanto fora deles.

Para tanto é preciso que se promova dentro das instituições de ensino um espaço mobilizador capaz de transformar a experiência de criar num evento de relevância significativa para a vida de cada indivíduo. Em nada o acto de criar se contrapõe ao de aprender, mas contrariamente, a criatividade pode ser um elemento facilitador para a aquisição de conhecimento

Parece existir na actualidade uma necessidade premente de se estimular situações de arrojo criativo, pois o acto de criar remete, também, para momentos de auto-descoberta e reconhecimento daquilo que nos faz viver melhor, pois compreende-se que a

emoção está na base de todas as acções do ser humano e muito especialmente na sua atitude criativa. Então, ao proporem-se momentos de abertura para a criatividade, consequentemente fomenta-se o trabalho sobre a emoção dos sujeitos implicados no processo.

Com efeito, espera-se que uma sociedade justa e equilibrada respeite o direito de crescer plenamente de cada criança, de cada indivíduo ou grupo e possibilite instâncias de aprendizagens significativas e a criação de produtos que dignifiquem a vida e engrandecem a necessidade de se criar o futuro, reinventar a realidade, tal como fazem os poetas, jardineiros da palavra mundo.

Entretanto, para a preparação de mentes criativas é fulcral romper com determinadas barreiras que dificultam a emergência de professores/educadores capazes de lidar com o novo (Suarez, Jesus Garrido: *textos do Curso Dar vez e voz a criatividade, realizado em Coimbra, 2005*), tais como:

96

- pedir respostas redutoras em vez de provocar ideias para solucionar o problema em questão;
- fazer juízos prematuros ao afirmar que o aluno não é capaz de...;
- acreditar que as coisas não mudam...sempre foi assim;
- ser superficial em questões que demandam profundidade;
- utilizar mais “princípios lógicos e dedutivos” do que apelar para o fazer;
- temor às emoções, aos sentimentos, ao humor, às brincadeiras, à intuição...
- afastar a espontaneidade;
- perder o controlo diante de um grupo criativo;
- ter como meta, apenas, cumprir o programa (que não contempla a criatividade);
- seguir modelos autocráticos;
- falar pela voz dos especialistas e não propor situações onde o aluno pense por ele próprio;
- incentivar a competição de maneira exagerada;
- não estimular o espírito crítico;
- pensar na vida como um acontecimento fechado em vez de processo aberto e dinâmico;
- os alunos devem desenvolver os programas e não os programas desenvolverem os alunos;
- não incentivar a auto-confiança;
- falta de ambiente para o exercício criativo...

Tais dificuldades existem no quotidiano de muitas instituições e nas práticas de inúmeros professores/educadores, entretanto é importante acreditar que o novo século pode servir de umbral para a revolução de comportamentos e ideias, pois se assistimos ao

espectáculo da reificação, também, não se pode negar que exista um grande movimento em torno das ciências e da arte que obriga-nos a pensar criticamente sobre a realidade.

Nesse sentido a criatividade assume papel de relevância e é sublinhada como uma das actividades mais caracterizadoras do ser humano, servindo como tema de pesquisa científica para estudiosos de renome que investigam a inteligência e reforçam o papel de destaque da actividade criativa na produção do pensamento, reflexão e análise da realidade, inclusivamente apontando o acto de criar como elemento estabilizador entre razão e emoção.

As instituições de ensino não podem mais refutar-se ao debate que propõe a discussão acerca da necessidade de se reinventar os espaços pedagógicos, dando-lhes um sentido que possa assegurar o desejo de aprender sempre. Perceber o importante papel que desempenha o professor/educador na mediação do conhecimento é premissa para que se invista numa formação enriquecida, pautada na busca contínua de conhecimento, mas também consciente da responsabilidade na qual está envolvida a disposição para o ensinar.

Tal como afirma Edgar Morin (Correia, 1998: 26), “*Toda a aprendizagem deve ser rica em significado para o aprendiz (aprendizagem significativa) e deve ser versátil, de forma a permitir vários pontos de vista sobre o mesmo problema (flexibilidade cognitiva). Este perspectivismo estrutura paisagens mentais diferenciadas sobre o mesmo problema e produz a capacidade de pensar complexamente*”, a partir de tal ângulo se pode inferir que o pensamento complexo exige criatividade porque sustenta-se na diversidade, na invenção e reelaboração do conhecimento.

Finalmente, o apelo para a construção de um mundo mais humanizado é caracterizado pelo desejo de fundar um novo modelo de educação, onde as pessoas encontrem motivação para aprender sempre e coragem para romper clichés, confrontar o passado, discutir o convencional e assumir o novo como condição para a realização do futuro, tal proposta passa pelo convite à criatividade.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. (2001) *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- CORREIA, Secundino et alli (2004). *Micromundos AIA*. Coimbra: Cnotinfor.
- FAGUNDES, Léa (1999). *Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!*. Pronif, Secretaria de Educação à Distância, ME, Brasil.
- GARDNER, H. (1993). *Mentes criativas*. Barcelona: Editorial Paidós.
- GARDNER, H. (1995). *Inteligências Múltiplas*. Barcelona: Editorial Paidós.
- GOLEMAN, D., KAUFMAN, Py RAY, M. (S/D). *El espíritu creativo*. Buenos Aires Vergara.

-
- MORIN, Edgar (2000). *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, UNESCO, Cortez Editora.
- MORIN, Edgar (2001). *O Desafio do Século XXI: Religar os conhecimentos*, Lisboa: Instituto Piaget.
- NÓVOA, A. (1992) (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: D. Quixote/ IIE
- RODARI, Gianni (1973). *Gramática de la fantasía*. Barcelona: Avance.
- ROGERS, C. y FREIBERG, J. H., (1986) *Libertad y creatividad en la educación*. Barcelona: Paidós Educación.
- ROGERS, Carl R. (S/D) *Toward a Theory of Creativity*. Anderson.